

Duas faces do heroísmo ¹

Verlaine Freitas

Professor de filosofia da UFMG

O mundo grego retratado por Homero contém uma importância singular, tanto pelo caráter magistral e talvez inigualável de sua poesia, quanto pelo testemunho da emergência de uma concepção de mundo calcada no modelo da ação heróica, fundamento de toda a civilização do ocidente. Com o lançamento do filme *Tróia*, temos a oportunidade de ver uma leitura cinematográfica da *Ilíada* em uma superprodução dos estúdios de Hollywood, em que se percebe mais um exemplo de sua tendência de enfatizar a identificação descompromissada do mundo do espectador com personagens e situações das obras. Meu objetivo é analisar um pouco o significado do herói nessas duas circunstâncias: como elemento formador da cultura grega e como ícone de uma obra de cultura de massa.

O tempo de Aquiles, Ulisses e Agamenon, tal como a poesia épica nos apresenta, é um período de transição muito significativo, pois se situa entre concepções de mundo coletivistas (do oriente, da África e da América pré-colombiana), e a cultura política grega, na qual emergiu a idéia de individualidade. Por mais diferentes que sejam as sociedades anteriores e fora da Grécia, todas compartilham um forte senso de inserção coletiva e cósmica, de modo que cada um de seus integrantes sente de modo profundo o valor da semelhança com os demais e da união quase que sanguínea com cada elemento da natureza, sempre sob o jugo eterno das forças divinas, sobrenaturais. Toda a dignidade de ser e de existir vincula-se a esse entrelaçamento das esferas humana, natural e sagrada, formando um conjunto em que as fissuras e contradições pesam infinitamente menos do que o senso de ordem. Se definirmos a individualidade como a consciência de ser si mesmo, de ter uma identidade e, portanto, de ser capaz de discernir de modo claro a diferença para com as outras pessoas e o mundo, podemos então dizer que ela era bastante fraca antes da cultura helênica. A importância da idade heróica grega consiste, entre outros fatores, em ter dado o primeiro passo para a formação da consciência individual. Os relatos tradicionais que foram reunidos e apropriados por Homero não apresentam mais um mundo completamente saturado pela imbricação de forças cósmicas e coletivas. O paradigma da ação heróica é apresentado agora como algo a ser seguido, como o objeto de uma decisão, a fim de que se possa alcançar um valor para a própria pessoa a partir da efetivação da honra auferida a quem é bom, excelente, virtuoso, melhor do que outros. Em vez de uma dignidade pela comunhão preestabelecida pelos relatos míticos, tem-se agora a construção da pessoa que se deseja ser a partir do exemplo do herói. Apesar das mutilações que o filme praticou em relação ao texto homérico, manteve e enfatizou a idéia de Aquiles, o grande protagonista da epopéia, lutar, não devido à inexorabilidade do destino, mas sim por desejar a imortalidade da honra. Ele é mostrado como alguém capaz de optar que seu nome fosse lembrado durante milênios, embora ele mesmo morra na guerra, do que viver tranquilamente em sua cidade e morrer sem glória.

Passados mais de três mil anos, não temos mais uma cultura que deseja construir a individualidade, mas sim que se aproveita de — e estimula — um egocentrismo já forte. A indústria cultural somente pôde evoluir do modo como o fez pelo fato de o indivíduo contemporâneo ser marcado, entre várias coisas, por um culto de sua personalidade. Trata-se quase de um ritual de contemplação da imagem que se faz de si mesmo, em que cada bem de consumo adquirido funciona como uma espécie de oferenda a esse “deus” existente em cada um. Em contraposição ao mundo extenuante e monótono

¹ Publicado no jornal Estado de Minas, Belo Horizonte, 29/05/2004, Caderno Pensar, p.6.

do trabalho e das obrigações sociais, o indivíduo tende a se regozijar com o sentimento de sua intimidade, seja da família ou mais ainda de sua própria consciência.

Servindo-se fartamente da grandiloquência possibilitada pelos recursos tecnológicos do cinema, *Tróia* reveste o heroísmo homérico com o brilho que a sociedade de consumo coloca como aura em seus produtos. Passa-se várias vezes da intimidade do grande herói — seja ela romântica, de rivalidade a Agamenon, ou familiar — para a truculência exacerbada da guerra. Vemos com clareza o quanto é procurada uma tradução do modelo heróico para a mentalidade egocêntrica contemporânea, favorecendo uma constituição psíquica já em curso há várias décadas. Em vez de o filme fornecer elementos reflexivos sobre o significado da consciência individual, oferece mais uma oportunidade para a identificação imediata com o herói, em que se tem satisfação com uma mera imagem do que se gostaria de ser.